

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR LITORAL

GISELE ROCHA AVELINO

PRÁTICAS ARTÍSTICAS E INCLUSÃO SOCIAL NAS RUAS DE PARANAGUÁ

MATINHOS
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR LITORAL

GISELE ROCHA AVELINO¹

PRÁTICAS ARTÍSTICAS E INCLUSÃO SOCIAL NAS RUAS DE PARANAGUÁ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do diploma de Licenciado em Artes, Setor Litoral, da Universidade Federal do Paraná.

Orientação: Profa. Juliana Amelia Paes Azoubel ².

MATINHOS
2013

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Artes. Bolsista PIBID no projeto: PIBID/ARTES Professor Dançante, a dança contemporânea dentro e fora dos muros da escola, coordenado pela professora Juliana Amélia Paes Azoubel de setembro/2012 à maio/2013.

² Mestre em Artes Cênicas (Dança) no Center for Latin American Studies pela University of Florida, revalidado pela Unicamp, graduada em Dança- Ensino, Execução e Coreografia pela University of Florida. Membro Colaborador do Center for World Arts da University of Florida. Membro da National Dance Education Organization, EUA. Docente do Curso de Licenciatura em Artes da UFPR-Setor Litoral. Atuou como coordenadora do Curso de Licenciatura em Artes de 2009 a 2013. E-mail: juliana.azoubel@gmail.com.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é descrever e analisar o efeito das práticas artísticas no cotidiano de pessoas em situação de rua e de dependência química na cidade de Paranaguá, litoral do Paraná. Acredita-se que as práticas artísticas, contribuem no processo de ressocialização e reabilitação dos dependentes químicos. Durante as etapas percorridas nesse trabalho, foram propostas práticas artísticas aos usuários de entorpecentes moradores das ruas de Paranaguá. Ao longo do trabalho, foi pesquisada a vida desses moradores e essa pesquisa/ação possibilitou o desenvolvimento de diálogos construtivos sobre as práticas artísticas e o desenvolvimento da sensibilidade com essas práticas. Parte da análise também se baseia na transferência de alguns moradores de rua para uma casa de apoio chamada Vida Nova, onde, em um contexto diferenciado, o trabalho realizado com os moradores de rua teve continuidade.

Palavras – Chave: Moradores de rua. Práticas artísticas. Reabilitação.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTO 1 – BAIRRO DO MERCADO DO PEIXE	7
FOTO 2 – COBERTAS DOS MORADORES DE RUA	9
FOTO 3 – MORADORES DE RUA	11
FOTO 4 – MINHA APROXIMAÇÃO COM OS MORADORES DE RUA	13
FOTO 5 – DIAS DE DISCUSSÕES SOBRE PRÁTICAS ARTÍSTICAS	13
FOTO 6 – CASA DE APOIO NOVA VIDA	17
FOTO 7 – CASA DE APOIO NOVA VIDA	17
FOTO 8 – PARTE INTERIOR DA CASA E SEUS MORADORES	18
FOTO 9 – PRÁTICAS VIVENCIADAS NA CASA NOVA VIDA	20
FOTO 10 – PRÁTICAS VIVENCIADAS NA CASA NOVA VIDA	20
FOTO 11 – VIVÊNCIA CORPORAL NA CASA NOVA VIDA	21
FOTO 12 – VIVÊNCIA CORPORAL NA CASA NOVA VIDA	21

INTRODUÇÃO

Passos para chegar às ruas de Paranaguá

Colaborar para o desenvolvimento de pessoas menos favorecidas financeiramente sempre foi um desejo pessoal. No decorrer da minha vida tive oportunidades de participar de projetos sociais ou em voluntariados informais voltados a assistir essas pessoas. Não foi diferente quando ingressei no Curso de Licenciatura em Artes da Universidade Federal do Paraná Setor Litoral, e me deparei com a proposta do Projeto de Aprendizagem (PA), módulo obrigatório na estrutura curricular dos cursos oferecidos pela UFPR Litoral.

O Projeto de Aprendizagem (PA) visa possibilitar à construção autônoma pelo estudante de um projeto de ação e vivência social destinado à sua integração na comunidade litorânea. O projeto é composto por uma junção consciente e cooperadora. De acordo com o Projeto Político Pedagógico UFPR Litoral (2008, p. 30), “Os estudantes são orientados pelos professores que os estimulam e desafiam objetivando o desenvolvimento de processos de aprendizagem”, onde são instigados a fazer um “elo” construtor de saberes entre a instituição e a comunidade. Vemos assim, a importância do valor agregador que permite uma consciência solidária e que visa o bem de todos, levando a Universidade a percorrer um caminho social alcançando a região litorânea e se deixando apropriar desta. Segundo o Projeto Político Pedagógico da UFPR Litoral (2008, p. 5): “É preciso diminuir os processos excludentes do contexto em que vivemos, onde o mundo do trabalho e suas radicais transformações são evidências incontestáveis,” fato importante na formação dos universitários.

No início do curso, presenciei apresentações de Projetos de Aprendizagem (PA), desenvolvidos pelos estudantes que já cursavam a universidade. Muitos dos projetos tinham um cunho social e apresentavam processos instigantes e resultados positivos, partindo da área de estudo de cada estudante. Fiquei fascinada ao assistir, em especial, a apresentação de um projeto dos estudantes de fisioterapia,

cujo tema era o desenvolvimento das questões motoras do indivíduo, e paralelamente, objetivava a recuperação de pessoas com problemas de alcoolismo, internados na casa de apoio da Copiosa Redenção em Matinhos. Na fala dos proponentes do projeto, constatei um considerável avanço na reabilitação daquelas pessoas. Fui então estimulada a trabalhar as possibilidades e experimentações de uma atuação com pessoas em situação de risco e dependência de álcool ou drogas, em sua maioria, moradores de rua, ou pessoas que passam a maior parte do tempo nas ruas. Assim, defini o público alvo do meu projeto de aprendizagem no Curso de Licenciatura em Artes.

Por residir em Paranaguá, e conhecer as dificuldades do lugar, resolvi desenvolver lá o meu projeto. Trata-se de uma cidade litorânea e portuária, com considerável fluxo de turistas, porém pouco desenvolvida economicamente, o que faz que o uso de drogas, álcool e a prostituição sejam também refúgios para o ganho de dinheiro fácil, causando entre outras coisas, a desintegração familiar. Esses fatores contribuem para que muitos desses usuários passem a morar nas ruas de Paranaguá.

Diante do desejo de desenvolver um projeto nas ruas de Paranaguá, atuando com moradores de rua e mais especificamente com crianças e adolescentes, vislumbrei a possibilidade de trazer a arte como, construção e vivência de saberes, acreditando na importância da aproximação desses moradores de ruas às práticas artísticas como portas para a ressocialização e integração dos mesmos à sociedade.

Usar a dança contemporânea para trazer uma consciência corporal, explorando movimentos do próprio cotidiano foi a proposta escolhida. Vejo as atividades relacionadas à dança como possibilidades de desenvolver a criatividade e proporcionar experiências que podem ser o caminho para uma nova concepção de vida.

As minha ação começou no final de 2009, depois de ter encontrado moradores de rua como pedintes em diversos pontos da cidade. A ação dava-se à

noite pelas ruas, em especial na Rua da Praia, bairro conhecido como Mercado do peixe, como mostra a figura a seguir:



FOTO 1 – BAIRRO MERCADO DO PEIXE
FONTE: PÁGINA DE PARANAGUÁ NO SITE DO GOVERNO DO ESTADO/TURISMO

Ao encontrar crianças e adolescentes, realizei entrevistas com elas sobre as suas vidas, e perguntei o que achavam da possibilidade de utilizar a dança em um projeto a ser desenvolvido com elas. Vejamos algumas das opiniões obtidas:

D.T.R. Tem 16 anos, fica nas ruas durante a noite, conta que se prostitui para se manter financeiramente e também comenta sobre seu gosto pela dança arriscando alguns passos: *“Eu gosto de dançar, sempre danço por aí, com certeza quero participar”*.

N. V. T. Tem 13 anos, fugiu de casa, família sem condições financeiras para manter ele e seus irmãos, pais usuários de drogas: *“Eu acho legal dançar, porque aqui a gente não faz nada e acaba usando drogas e vendendo também”*.

J. Tem 14 anos, engraxate: *“Meu sonho era ser jogador de futebol, mas parei na 5ª série, eu queria fazer alguma coisa, mas eu não sei dançar”*.

D. S. 11 anos, ambulante, vende chocolates durante o dia, e a noite “passa drogas”. Enfatizou que eu não poderia me aproximar muito, nem fazer doações, pois traficantes da área os observam e depois batem neles, quando aceitam ajuda, mas animou-se quando lhes falei sobre dança e comentou ter experiência na área: *“Eu dançava na escola, era hip hop, era mais ou menos assim (mostrando passos), também dançava funk. Eu vou vir quando tiver”*.

Essas foram algumas das crianças e adolescentes entrevistados. Nessas entrevistas, percebi o quanto as várias etapas das vidas dessas crianças e adolescentes são negligenciadas pelas questões socioeconômicas que permeiam o cotidiano delas. Essas crianças enfrentam um dia a dia sem a presença da família e sem incentivo e estímulo à educação, encontram-se carentes de acesso à cultura e ao lazer, entre outras coisas. O ambiente em que vivem favorece uma vida de risco nos seus diferentes aspectos: saúde, corpo, mente etc. Assim, encontram-se cada vez mais distante de concepções dignas para um frutífero desenvolvimento. Para Castro, essa situação é citada como:

A ideia é que não há uma relação linear absoluta entre pobreza e violência, mas que, além dos efeitos negativos na qualidade de vida material, a pobreza facilita sentidos culturais perversos, inclusive comprometendo a subjetividade, a criatividade e a disposição para uma cultura de paz. (CASTRO et al. 2001, p. 25)

Assim, como forma também de tentar afastá-los deste ambiente arriscado, busquei aproximar essas crianças e adolescentes a um contexto artístico, perguntando sobre vivências em arte. Alguns se mostraram pouco familiarizados. Ao conversar mais com eles sobre o assunto, percebi um anseio por vivências e práticas artísticas. Eles sempre perguntavam quando iniciáramos as ações e demonstravam ansiedade para que as práticas acontecessem o mais rápido possível. A partir dessas demonstrações de interesse, concluí o quanto é importante tornar acessível esses conhecimentos.

Passado alguns dias, voltei às ruas para mais entrevistas e divulgação do projeto. Mas, fui percebendo que essas crianças não estavam mais, e dificilmente eram vistas circulando pelas ruas de Paranaguá. Insisti em procurá-las fazendo algumas tentativas à noite, mas não as encontrei. Assistindo a um programa de televisão local, chamado “Voz do Litoral”, em meados de Janeiro de 2010, constatei que essas crianças haviam sido recolhidas e encaminhadas novamente as suas famílias. Certifiquei-me com o conselho tutelar da cidade, que informou que o fluxo destas crianças estava aumentando dia a dia e por isso recolhê-las era a melhor medida preventiva.

Diante da constatação de que a questão havia sido revista por autoridades, entendi que teria que mudar o foco, já que o público inicial felizmente havia sido atendido. Vale salientar, que até o momento em que escrevo esse relato, dificilmente encontramos menores pelas ruas da cidade. A partir desse fato, outros moradores de rua despertaram a minha atenção. São homens e mulheres que dormem e moram nas areias que cercam o rio Itibere, no bairro do Mercado do Peixe. A seguir como mostra a foto, o lugar exato onde essas pessoas vivem e dormem todos os dias, e suas cobertas:



FOTOS 2 – COBERTAS DOS MORADORES DE RUA
FONTE: O AUTOR (2013).

Para manter a privacidade dos moradores e o respeito à suas histórias de vida, observei o cotidiano deles antes de tentar qualquer aproximação. A observação teve início logo em seguida à constatação de que as crianças haviam sido retiradas das ruas de Paranaguá pelas autoridades. Ao observar o cotidiano daqueles homens e mulheres, constatei que antes das 08h30min, aos sábados, eles surgiam de seus improvisados dormitórios. Ainda sonolentos e com seus olhares para o ambiente que os cercavam e ao mesmo tempo para o nada do vazio de suas vidas, eles contemplavam o raiar do sol e esquentavam seus corpos trêmulos do vício e do frio. À medida que o ambiente era aquecido, pelo calor de mais um dia, surgiam algumas risadas e uma roda era formada em volta de seus pertences.

A maioria deles sentava-se em bancos improvisados ou em cobertores estendidos no chão. Outros em pé, procuravam tornar o ambiente familiar, rodeados de seus cachorros inseparáveis. Inseparáveis também eram as garrafas de bebidas, que passeavam pelas mãos desses homens e dessas mulheres, que entre um gole e outro interagiam com seus parceiros em empurrões e abraços e procuravam ficar um ao lado do outro para se aquecer do frio. Enquanto isso surgia pelas ladeiras da cidade pessoas que iniciavam o seus trabalhos naquela hora do dia, concentradas em seus compromissos, com seus olhares atônitos e focados, movimentando, aos poucos a paisagem turística com seus casarões antigos e suas cores vibrantes. Uma paisagem que se misturava aos poucos com a correria urbana, e ao mesmo tempo servia de sombra para os “insignificantes e despercebidos” moradores de rua. Como mostra a foto a seguir:



FOTO 3 – MORADORES DE RUA – FONTE: O AUTOR (2013).

No decorrer do dia, alguns moradores de rua, trabalhavam em bares e restaurantes, cuidavam de carros ou descarregavam barcos que vinham ou iam para a Ilha dos Valadares¹. Devido ao movimento de cargas e descargas dos moradores da Ilha, os moradores de rua aproveitavam para ganhar dinheiro e alimentos para a sobrevivência. Em meio ao grupo observado percebi também que havia um grupo menor que não trabalhava, pois devido à debilidade causada pelo álcool não tinham mais forças. Outra questão observada foi que os que trabalhavam, repartiam o que ganhavam com os que não trabalhavam. Durante todo o dia, essa era a rotina dos homens e mulheres sem casa, que dividiam com a paisagem natural da Rua da Praia, um lugar para se viver.

Foram três semanas de observação para eu concluir que havia chegado o dia de tentar uma aproximação com esses moradores, de conhecê-los pessoalmente. Entre apertos de mão e palavras cordiais, fiquei surpresa com a recepção que encontrei. Apresentei o motivo de estar ali e o desejo de desenvolver um trabalho com eles e de proporcionar práticas artísticas que desenvolvessem a percepção de uma vida mais promissora.

¹Ilha com cerca de quase 40mil habitantes que se tornou um dos lugares mais populosos da cidade.

É comum perceber nesse meio em que os moradores de rua vivem, certa acomodação pela situação em que estão. Isso proporciona uma falta de perspectiva, levando-os a pensar que é impossível usar até mesmo de seus próprios recursos ainda que quase nulos, forças para que se haja uma real transformação. Sendo assim proporcionar o envolvimento com práticas artísticas possibilitaria um olhar consciente do que é possível desenvolver, partindo do que se tem no momento. De acordo com as palavras de Barbosa, (2005, p. 292):

Através da arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica e assim analisar a realidade percebida, pela criatividade, de modo a mudar de alguma forma a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 2005 p. 292).

Bairro do mercado do peixe: um cenário propício para a aproximação com os moradores das ruas de Paranaguá

O primeiro dia que fui ao bairro do mercado do peixe, o grupo que encontrei era composto por 10 pessoas: oito homens e duas mulheres. Segundo as informações do grupo, os integrantes que ali estavam, tinham entre 25 e 30 anos, mais da metade é nascida em Paranaguá, e dentre eles, somente uma mulher chegou ao segundo grau escolar. Todos os homens tinham profissão, e um já cumpriu pena na prisão. Todos disseram ter Deus como crença principal. Aproveitando o momento das apresentações, pedi que usassem o papel para registrar o que quisessem naquele momento. Houve uma resistência por parte de alguns integrantes do grupo. Nem todos participaram dessa atividade, alegando que temiam alguma acusação ou o uso de seus dados para a polícia. Temiam os maus tratos que poderiam vir das autoridades locais. Percebi naquele momento que uma maior relação de confiança precisava ser estabelecida.

Segue abaixo fotos de nossos primeiros encontros:



FOTO 4 – APROXIMAÇÃO COM OS MORADORES DE RUA
FONTE: O Autor (2010).



FOTO 5 - DIAS DE DISCUSSÕES SOBRE PRÁTICAS ARTÍSTICAS
FONTE: O autor (2010).

Consegui conhecê-los um pouco mais através de suas palavras. Abaixo os relatos dos que aceitaram participar das atividades:

M. G., *“Fiquei 10 anos preso, dois filho me mataram, eu perdi tudo, mas eu matei os três caras que mataram meus filhos, e não me arrependo de nada.”*

Hoje eu moro na rua... Amor e ódio.

V. Tem 32 anos: *“Eu amo meus amigos, e a minha família e principalmente meus filhos e minha mãe.”*

E. C. Tem 30 anos: *“Eu já fiz teatro.”*

C. C. Tem 30 anos: *“Tenho duas filhas, tenho muitas saudades delas, a minha vontade é ir ficar com elas, e meu esposo, mas minha situação é complicada.”*

R.B. 25 anos: *“Expresso meus sentimentos através da pichação.”*

A partir desses relatos e das conversas que tivemos nas semanas seguintes, combinei com esse grupo que uma vez por semana nos encontraríamos para discutir questões que abordavam as expressões artísticas, a vida cotidiana e suas possibilidades de criação através de vivências corporais.

No decorrer do projeto, entendi que a abordagem teria que ter como base uma metodologia de muito diálogo e descontração, pois com cobranças e imposições não conseguiria obter resultados. Então, de maneira descontraída, discutimos experiências artísticas.

Inicialmente, levei ao grupo uma discussão sobre jogos teatrais e improvisações tendo como referência as práticas com os jogos teatrais da americana Viola Spolin, escritora que inovou a técnica da improvisação no teatro. A improvisação através dos jogos teatrais também pode ser um meio para que pessoas se conheçam e interajam tonando o ambiente mais favorável para a criação de ideias. Segundo Spolin (1962, p.4) o jogo pode ser:

Uma forma natural de grupos que propicia o envolvimento e a liberdade pessoal necessários para a experiência. Os jogos desenvolvem as técnicas e habilidades pessoais necessárias para o jogo em si, através do próprio ato de jogar. As habilidades são desenvolvidas no próprio momento em que a pessoa está jogando, divertindo-se ao máximo e recebendo toda a estimulação que o jogo tem para oferecer – é este o exato momento em que ela está verdadeiramente aberta. (SPOLIN, 1962, p. 4.).

Entendi que levar conceitos de jogos teatrais e falar do improviso e do espontâneo seria um recurso a mais para uma interação harmoniosa. Foi o que aconteceu nesse dia, para satisfação de todos.

No encontro seguinte, discutimos a arte que está presente no cotidiano. Pedi que atentassem para o fato de que eles moravam em Paranaguá, um local de muito fluxo de pessoas, e que por isso, os eventos culturais faziam parte daquela cidade. Sugeri que contemplassem com mais clareza os acontecimentos do cotidiano que habitavam. Discutimos sobre obter um olhar sensível a esses acontecimentos. Percebi que nesses momentos a importância do diálogo com o grupo, a reciprocidade de informações e a análise dos acontecimentos, permitiam estabelecer uma relação de confiança entre as partes. De acordo com Freire, “É no respeito às diferenças entre mim e eles ou elas, na coerência entre o que faço e o que digo que me encontro com eles ou elas” (Freire, 1996, p. 50).

Diante desse clima de confiança construído no decorrer de nossas falas, observei momentos, que por iniciativa individual, alguns integrantes do grupo se arriscavam em movimentos que expressavam os seus corpos e suas possibilidades de transformar movimentos em dança.

Também encontrei nesse grupo, uma intimidade com a música, talvez o elemento mais percebido por eles. Suas experiências ao longo da vida, e a influência da cultura familiar de cada um, se afirmavam pela clareza e afinidade à medida que refrãos eram trabalhados com gestos semelhantes aos gestos utilizados por regentes de orquestras. Percebi, que, ao cantar se sentiam mais a vontade, e ao mesmo tempo um clima de afeto e identificação surgia e proporcionava em seus semblantes sorrisos, como se estivessem recordando de situações vivenciadas.

Todos os encontros foram pautados em discussões, salientando sempre questões sociais, e de comportamento, construindo um elo entre arte e o que ela nos possibilita conhecer e desenvolver, e permitindo o despertar da capacidade de cada um e a sua importância como sujeito dotado de pensamentos, de sonhos e de sentimentos. Com essas práticas artísticas, visei levá-los a uma ressocialização e a compreensão de que a arte não é algo inatingível, mas que é importante apropriar-

se dela como um bem digno e um direito de todos. Com isso, o rótulo de “lixo da sociedade” pode dar espaço para a uma nova concepção, a de seres integrantes e valorosos “pertencentes à sociedade”, direito muitas vezes anulados por conta do fato de conviverem em situações de risco e de miséria. Essa problemática é abordada por Cuellar, (1997, citado por CASTRO et al.,2001) em um estudo realizado junto a Unesco sobre o comportamento de jovens em situações de pobreza, e o quanto isso afeta suas vidas :

Os marginalizados da sociedade devem contentar-se com suas próprias práticas culturais que institucionalizam o dualismo social. Sabem o que é estar à deriva e o que é a auto depreciação, associada à assimilação de imagens negativas de si próprios e da sociedade, com os problemas que se seguem. Isso é particularmente verdadeiro no caso dos jovens, cujo quadro de referência e de valores se afasta dos padrões tradicionais, e cuja falta de condições e de recursos os marginaliza e impede que participem efetivamente da vida social. A luta pela erradicação da pobreza, portanto, deve incluir a dimensão cultural. (CUÉLLAR, 1997, *apud* CASTRO et al. 2001,)

Em vários momentos, senti dificuldade em desenvolver o projeto, particularmente pela inexperiência de estar em um ambiente considerado perigoso e aplicando propostas elaboradas e abordadas por mim. Também lidei com a questão do tempo que com corriqueiros climas chuvosos impediram alguns dos nossos encontros. Também encontrei dificuldade em registrar as ações, pois muitos não aceitavam aparecer em fotos alegando experiências que tiveram com pessoas que usaram de suas imagens para “acusá-los injustamente”. Outro fator que influenciou o desenvolvimento das atividades foi o uso excessivo do álcool. Já havia marcado os nossos encontros propositalmente pela manhã, na intenção de trabalhar com os moradores enquanto sóbrios, mas mesmo assim, o uso contínuo do álcool dificultava a concentração e uma interação mais consistente.

No decorrer destes encontros e por mais que enfrentássemos algumas dificuldades, percebi que a vontade de mudar nascia em alguns. Aos poucos, procuravam lugares que os ajudassem a sair do vício, ou da situação de moradia em que viviam. Foi em um dos encontros que, fui informada da mudança de alguns dos integrantes do grupo para uma casa de apoio a dependentes químicos. Na

curiosidade de saber como estavam dispus-me a procurar a casa para ter notícias deles.

A casa é conhecida como “Vida Nova”, situada no bairro Jardim Ouro Fino, região periférica de Paranaguá. O local é um barracão, alugado, com contrato renovado até o final deste ano, no valor de R\$ 400,00. A casa tem capacidade para abrigar um máximo de trinta pessoas, mas muitas vezes acaba ultrapassando seu limite devido a considerável procura. Trata-se de um lugar mantido por doações, onde a opção de ficar lá é de livre escolha, sem cobrança da estadia dos internos, salvo quando a família de algum dependente oferece ajuda. Segundo informações dos próprios moradores, das trinta pessoas internadas somente a minoria, geralmente uns dois, recebem visitas de suas famílias.

A Casa de apoio Vida Nova conta com uma estrutura muito simples, construída com restos de materiais de construção e móveis doados como mostram as fotos a seguir:



FOTOS 6 E 7 - CASA DE APOIO VIDA NOVA
FONTE: O Autor (2013).



FOTO 8 - PARTE INTERIOR DA CASA E SEUS MORADORES
FONTE: O Autor (2013)

Na visita que fiz a Casa Vida Nova em Dezembro de 2012, a proprietária da casa, Cleuza, mais conhecida como Nina e carinhosamente chamada por mãe por seus “hóspedes”, me recebeu muito bem. Nessa visita, pude constatar que o seu interesse era em ajudar na mudança de vida das pessoas que passam por lá. A casa Vida Nova é de iniciativa particular e surgiu há 6 anos atrás do interesse da proprietária em ajudar pessoas com dependência de álcool ou drogas. A proprietária vivenciou o problema com seu filho e viu de perto a dificuldade desta recuperação, por isso sua motivação em abrir a casa. De acordo com Nina, ao avistar as pessoas nas ruas da cidade de Paranaguá, divulgou a distribuição de refeições em sua casa, e foi assim que conheceu esses moradores de rua e suas dificuldades. A partir daí viu que abrigá-los em uma casa seria a solução mais viável, pela situação de dependência química e pobreza que viviam.

Encontrou um lugar que fosse afastado do convívio da cidade, e o alugou, contando com a ajuda de alguns amigos que se dispuseram a fazer doações de alguns móveis e materiais de construção, inclusive fazendo um mutirão com os futuros moradores para que construíssem suas camas, mesas, armários etc..

Hoje, a Casa Vida Nova, também conta com “obreiros”, que são pessoas que ajudam na administração da casa e junto a Nina e o seu esposo Rafael se revezam monitorando e delegando funções, contando até mesmo com os moradores mais antigos da casa para a organização dos afazeres. Mas ainda há necessidade de pessoas e uma equipe médica para ajudar na reabilitação dessas pessoas, que, de acordo com Nina, só será possível após conseguir concluir os trâmites necessários para se tornar uma instituição e contar com o apoio do Governo Federal junto ao Ministério da Saúde.

Percebi que a necessidade de uma intervenção clínica no tratamento da dependência química é um assunto de total importância, uma vez que a desintoxicação é um dos fatores imprescindíveis para a cura dos dependentes químicos, segundo informa o Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas (OBID), quando se pensa no tratamento das dependências químicas “faz-se necessário e útil estabelecer seus princípios gerais para que se possa ao mesmo tempo, afastar preconceitos marginalizantes, proporcionar eficácia baseada em evidência científica e obter avanços na assistência àqueles que sofrem com este problema”. (OBID, 2010, consultado em Julho, 2013)

Diante de tais afirmações, constatei nas minhas visitas a casa, algumas alterações no comportamento dos moradores. Aos poucos, fui percebendo a ociosidade dos internos e a carência de trabalhos voluntários que direcionados somassem para um processo de reabilitação. Até então, a única fonte de ajuda que a casa disponibilizava além de abrigá-los era a realização de cultos religiosos. Nina é de religião evangélica e faz questão de realizar cultos cristãos na casa, entendendo que a fé é uma importante aliada na recuperação. Diante da necessidade encontrada, ofereci desenvolver a mesma proposta que ofertava aos moradores de rua no bairro do mercado do peixe. Autorizada por ela tive portas abertas para desenvolver as atividades artísticas aos moradores da casa. Com as visitas e já familiarizada com o funcionamento da casa, decidi buscar com as práticas artísticas, o sentido que agrupa ação na ajuda da recuperação.

Como primeira atividade, pedi aos moradores da casa que escolhessem imagens em revistas, recortassem essas imagens e montassem com elas um mural. Depois de produzidos os trabalhos, montamos uma pequena apresentação onde cada um falou sobre o que fez. Foram momentos de comoção e interação, onde a criatividade de cada um foi instigada proporcionando um sentimento de alegria e de realização. Havia traçado como objetivo desta atividade além de instigar a criatividade, poder conhecê-los um pouco mais, saber o que pensavam, os seus sonhos e o que gostavam. As imagens abaixo refletem alguns dos momentos descritos:



FOTOS 9 E 10 – PRÁTICAS VIVENCIADAS NA CASA NOVA VIDA
FONTE: O AUTOR (2013).

Diante do árduo trabalho contra o vício, e o que a dependência causa a essas pessoas, entende-se que a arte também pode ser uma terapia e fonte que auxilia o resgate de sentimentos esquecidos pelo uso das drogas, proporcionando um resignificado de possibilidades, Barbosa (2005, p. 293) afirma ainda que:

Desconstruir para reconstruir, selecionar, reelaborar, partir do conhecido e modifica-lo de acordo com o contexto e a necessidade – todos esses são processos criadores desenvolvidos pelo fazer e ver Arte, fundamentais para a sobrevivência no mundo cotidiano. (BARBOSA, 2005, p. 293).

Na semana seguinte, para incentivá-los a criar e viver suas experiências de modo construtivo e interativo, propus atividades que os fizessem explorar o movimento, através do aquecimento corporal, de alongamentos e caminhadas, para que percebessem direção e lateralidade, as noções de espaço, o trabalho corporal, sozinhos ou em duplas. Em seguida, com dinâmicas de improvisação teatral para promover a expressividade e a criatividade, direcionei-os para a narração de histórias usando objetos variados, mas que dessem um sentido para o desfecho narrativo. Com essas vivências, constatei um “antes e depois” destas atividades na casa Nova Vida. Também constatei a transformação da expressão de cada um e a sensação individual de que é possível criar e transformar. As fotos a seguir mostram o movimento corporal como uma importante forma de expressão:



FOTOS 11 E 12 – VIVÊNCIAS CORPORAIS NA CASA NOVA VIDA
FONTE: O Autor (2013).

Na semana seguinte, tracei como objetivo levar a música como prática artística. Para Brito (2003, p.28): “Como uma das formas de representação simbólicas do mundo, a música em sua diversidade e riqueza permite-nos conhecer melhor a nós mesmos e ao outro-próximo ou distante.” No que se refere à voz e a importância de se deixar ouvi-la e estimulá-la, Pedroso descreve que: “A voz tem um papel fundamental na comunicação e no relacionamento humano. Ela enriquece a transmissão da mensagem articulada, acrescentando à palavra o conteúdo

emocional, a entoação, a expressividade, identificando o indivíduo tanto quanto sua fisionomia e impressões digitais” (Pedroso, 1997, p.9).

As práticas que desenvolvi foram baseadas em técnicas vocais e nos conceitos de altura, é uma característica do som que nos permite classifica-lo em grave ou agudo, e intensidade, a energia de vibração do som que emite as ondas sonoras. Para estimular uma melhor apropriação desses conhecimentos, propus uma prática musical com a utilização da música “Boneca de Lata”, que funcionou como uma importante ferramenta na vivência proposta. Vejamos a letra da música utilizada:

Minha Boneca De Lata – (Autor desconhecido)

Minha boneca de lata

bateu com a cabeça no chão

levou mais de uma hora

pra fazer a arrumação

desamassa aqui

pra ficar boa

Minha boneca de lata

bateu com o nariz no chão

levou mais de duas horas

pra fazer a arrumação

desamassa aqui

pra ficar boa...

Utilizei essa música para que explorássemos além das questões vocais, as questões do corpo, e assim pudéssemos explorar a expressão corporal dos envolvidos. . Em cada ação ditada pela letra da música, incentivava que representassem o que a letra dizia, de forma descontraída, mas consciente,

sabendo que cada um poderia identificar seu desenvolvimento e expressar seus sentimentos. Segundo Barbosa “através da arte, o sujeito, tanto nas relações com o inconsciente como nas relações com o outro, põe em jogo a ficção e a narrativa de si mesmo”. (BARBOSA, 2005, p. 292),

CONCLUSÃO

Utilizar práticas artísticas como recursos para ressocialização de moradores de rua e no tratamento de dependentes químicos pode vir a ser uma fonte de mudanças tanto para questões particulares quando se diz a respeito de cada um desenvolver e viver as atividades propostas, como para questões de um coletivo, quando estimulamos o trabalho em grupo, visando à cooperação e o espírito de equipe. Essas práticas podem ser fundamentais para o real conhecimento individual levando o sujeito a entender suas capacidades. Nas palavras de Ana Mae Barbosa, “Arte como caminho para recuperar o que há de humano no ser humano.” (BARBOSA, 2005, p 291).

Propor um processo de um resgate de histórias de vidas esquecidas por seus atores principais me fez ver que a imaginação pode voltar e ocupar seu real papel, resgatando o sóbrio, consciente e valoroso dessas pessoas. Foi assim que em cada encontro que tivemos, tanto nas areias que cercam o rio Itibere de Paranaguá como na casa de apoio aos dependentes químicos, que pude ver o quanto é possível contribuir e sermos pessoas melhores. Neste contexto de mudanças, vi as práticas artísticas soarem como atalaias na restauração da autoestima, da confiança e a maleabilidade da inocência que trazia a ousadia de poder criar, criar além das expectativas, fluindo e fruindo em descobertas.

Pude perceber em cada gesto, em figuras destacadas, em cada expressão, em cada movimento e nos diferentes semblantes as vontades de improvisar sem ter medo de errar. Conclui que o uso de práticas artísticas pode transformar a vida das pessoas e o ambiente que vivem. Poder levar conteúdos que instiguem além da reflexão a criatividade, pode somar para obtenção de comportamentos que levam essas pessoas a um considerável desenvolvimento e um processo contínuo de recuperação.

Torna-se evidente um sentimento de urgência nos processos de recuperação e de ressocialização dos dependentes químicos. Esses processos ajudariam a impedir fatos lamentáveis, como o que ocorreu, durante nossas atividades na casa: a morte de um dos moradores que havia participado das

vivências propostas. Foi impactante saber do ocorrido e lembrar os seus sonhos relatados através de recortes de revistas, lembrados pelos demais moradores da casa. Foi chocante ver a perplexidade dos demais moradores da casa, e as suas indagações sobre seus próprios destinos. Mas, as ações da casa mudaram esses destinos. Em uma das minhas últimas visitas, soube da inserção de 10 desses moradores da casa em cursos profissionalizantes oferecidos pelo Instituto Federal do Paraná (IFPR). Eles mostraram seus comprovantes de matrículas, e timidamente mostraram seus cadernos, doações que receberam para que desenvolvessem seus estudos.

Assim, o projeto de práticas artísticas se desenvolveu no período compreendido entre o meu ingresso e a minha conclusão no Curso de Licenciatura em Artes. Ao escrever esse relato de experiência, sigo com as ações na casa Nova Vida. Aos sábados, reservo um horário para esse fim. Segundo Dona Nina, sou esperada ansiosamente e sempre conto com a participação da maioria que reside na Nova Vida, e isso é só o começo do que pretendo viver com a continuação deste trabalho.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. M. Pesquisas em Arte-Educação: recorte sociopolítico. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.30, n.2, p. 299-301, 2005.

BRITO, T. A. Música na educação infantil: proposta para a formação integral da criança. 2.ed. São Paulo: Petrópolis, 2003.

CASTRO, M.G. et al. Cultivando Vidas, desarmando violências: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza. 3ed. Brasília: UNESCO, Brasil Telecom, Fundação Kellogg, Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2001.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PEDROSO, M.L.I. Técnicas vocais para profissionais da voz. Monografia de conclusão de curso (Especialização em voz) – CEFAC, Centro de Especializado em Fonoaudiologia Clínica, São Paulo, 1997.

SPOLIN, V. Improvisação para o teatro. São Paulo: Perspectiva, 1992.

Sites Consultados:

Informações sobre drogas / Tratamento/ Dependência Química/Definição Disponível em <<http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/index.php>>. Acesso em 17/07/2013.

Intensidade, timbre e altura. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/fisica/intensidade-timbre-altura.htm>>. Acesso em 17/07/2013.

Projeto Político Pedagógico – UFPR Litoral. Disponível em <<http://www.litoral.ufpr.br/sites/default/files/PPP%20-%20UFPR%20-20LITORAL.pdf>>. Acesso em 10/07/2013.

Paranaguá – Secretaria de Turismo. Disponível em <<http://www.turismo.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=59>>. Acesso em 13/07/2013.

